

Visuais

Camila Molina

Para os ianomâmis, “a queda do céu” não é uma metáfora – na crença do povo indígena, é possível que chegue o dia em que os espíritos não tenham mais capacidade de sustentar o grande firmamento fraturado pelas ações predatórias do homem. O desabamento seria, digamos, “o fim do mundo”, como afirma Moacir dos Anjos, curador da exposição *A Queda do Céu*, em cartaz no Paço das Artes. Mostra contundente, ela destaca “trabalhos artísticos que prenunciam, evidenciam e combatem a progressiva despossessão sofrida por populações indígenas iniciada em seu contato involuntário com o colonizador branco: aquele que lhes quis e ainda quer subtrair a sua condição de humanos, e que não suporta o convívio com a diferença”, escreve seu organizador.

É um tema pouco tratado pela arte contemporânea brasileira. Artistas como Cildo Meireles, Claudia Andujar e Anna Bella Geiger participam da exposição por seu real engajamento, há décadas, com a questão indígena – respectivamente, estão representados por peças já históricas como *Sal Sem Carne* (1975); fotografias dos ianomâmis dos anos 70 e 80; e *Brasil Nativo/Brasil Alienígena* (1977). Mas a coletiva também aponta criadores recentes, como Paulo Nazareth, cujo vídeo *Aprender a Rezar Guarani Kaiowá para o Mundo Não Acabar* (2012) torna-se um marcador (neste caso, sonoro) do partido do projeto, assim como os desenhos do xamã Orlando Nakeuxima Manihipi-ther, e expande a discussão para um território além do Brasil por meio de trabalhos de estrangeiros. “O masacre diz respeito às Américas”, define o curador.

Moacir dos Anjos tomou como título da mostra, que pode ser vista até o próximo domingo, 5, a “referência explícita” ao livro *A Queda do Céu*, do pensador e ativista político ianomâmi Davi Kopenawa e do antropólogo francês Bruce Albert – publicada originalmente em português, a obra terá edição em português, com tradução de Beatriz Perrone-Moisés, a ser lançada este ano pela editora Companhia das Letras (por ora, está previsto para agosto). A expressão que dá nome a ambos remete a uma imagem poderosa relacionada à finitude, entretanto, é importante ressaltar também a questão da “resistência”, sublinha o curador, presente nos trabalhos expostos.

No caso de Cildo Meireles, que realizou *Zero Real*, uma “atualização” de 2013 do emblemático *Zero Cruzeiro*, da década de 1970 – representação de uma nota de dinheiro com a figura de um índio estampada –, é uma



FOTOS DIVULGAÇÃO

Olhar para os índios



Tensões. Fotografia de Claudia Andujar, de 1974 (acima) e ‘armadilhas’ do projeto de Cildo Meireles

O encontro de Hercule Florence com os apiacás

● Já a mostra *O Olhar de Hercule Florence Sobre os Índios Brasileiros*, em cartaz até 31 de julho na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, também na Cidade Universitária, destaca os desenhos e manuscritos que o artista, viajante e cientista realizou a partir de sua experiência na Expedição Langsdorff (1825-1829). “É uma observação despojada de preconceito”, diz curadora Glória Kok sobre o franco-monegasco

(de Mônaco) que viveu em Campinas, onde morreu, em 1879.

A mostra, do Instituto Hercule Florence, destaca o encontro do artista com as etnias apiacá (foi o primeiro a retratá-la) e mundurucu (foto abaixo), com as quais conviveu durante a expedição fluvial por 13 mil km do Brasil.

Como os desenhos originais do viajante pertencem a coleções em São Petersburgo e em Paris, são expostas reproduções desses trabalhos – e os manuscritos de seu diário podem ser lidos virtualmente. Um atrativo, assim, é a reunião de belas peças indígenas do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. / C.M.

surpresa encontrar a materialização dos protótipos em metal de armadilhas dos caminhões que carregam madeira extraída de territórios indígenas, projeto antigo do artista, de 1976. O vídeo da guatemalteca Regina José Galindo também refere-se a uma atitude de reação ao registrar a artista nua ao lado de uma escavadeira (de covas para mortos) em ação. “Alianças com outros sujeitos”, como a da fotógrafa Claudia Andujar, que conviveu com os ianomâmis, é outro exemplo. Destacam-se também as peças do norte-americano Jimmie Durham.

Outra potência de *A Queda do*

Céu é a maneira como “o dado real invade o espaço da exposição”, diz Moacir dos Anjos. “O documental na arte contemporânea vem da necessidade de

A QUEDA DO CÉU

Paço das Artes. Av. da Universidade, 1, Cid. Universitária, 3814-4832. 4ª a 6ª, 10h/19h; sáb. e dom., 11h/18h. Grátis. Até 5/7.

HERCULE FLORENCE

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. R. da Biblioteca, s/nº, Cid. Universitária, 2648-0310. 2ª a 6ª, 8h30/18h30. Grátis. Até 31/7.

afirmar as diferenças”, completa. Não é possível não se impactar com as imagens de violência e tensão na instalação *Sob as Estrelas, as Cinzas* (1992/2015), de Miguel Rio Branco, e nos trechos do filme *Martírio* (em produção), de Vincent Carelli – em um deles, seguranças de uma fazenda chegam armados ao acampamento de Pyelito Kue-são em Dourados (MS). Carelli, conta o curador, participará de um debate no sábado, 4, às 16 horas, no Paço das Artes – ao lado do cineasta Andrea Tonacci e do sociólogo Laymert Garcia dos Santos –, que marcará o encerramento da mostra.

